

**O USO E AS MUDANÇAS DO VERBO *HAVE* E  
O SIGNIFICADO DE POSSE: DO INGLÊS ANTIGO AO  
INGLÊS BRITÂNICO CONTEMPORÂNEO**

Izabella Rosa Malta (UFMG)  
[maltarbella@gmail.com](mailto:maltarbella@gmail.com)

**RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo investigar o uso do verbo *have* na língua inglesa, desde o Inglês Antigo até o Inglês Britânico Contemporâneo. O referencial teórico consistiu em Baldi e Nuti (2010), acerca do significado de posse; Hogg (2002), na descrição do Inglês Antigo; Mossé (1968), na descrição do Inglês Médio; Nicholas (2014), na discussão sobre o processo de gramaticalização, e Stalmaszczyk (1996), sobre papéis temáticos, assim como definições históricas de dicionários etimológicos. O estudo, de perspectiva diacrônico-histórica, teve como foco as transformações de categorias sintáticas e o conteúdo semântico do lexema em questão, o verbo *have*, assim como os resultados destes processos linguísticos de um período para o outro. Para o Inglês Antigo (do século V d.C. a 1100 d.C.) e o Inglês Médio (de 1100 d.C. a 1500 d.C.), foram analisadas importantes obras literárias (do século VIII ao XIV) e, para o Inglês Britânico Contemporâneo, analisaram-se ocorrências extraídas do corpus *British National Corpus* (BNC) e um exemplo de *scripted speech*, da série televisiva Guerra dos Tronos. Logo, foram comparados os três períodos da língua inglesa para investigar as transformações sintáticas e semânticas ocorridas pelo verbo *have* do século VIII ao XXI. Acerca dos resultados, nas obras em Inglês Antigo, foi encontrado o uso possessivo; naquelas em Inglês Médio, os usos possessivo, metafórico e fraseológico; e, no BNC para Inglês Britânico Contemporâneo, os usos possessivo e gramaticalizado do verbo *have*.

**Palavras-chave:**

Diacronia. Semântica. Sintaxe. Inglês Antigo. Inglês Médio.  
Inglês Britânico Contemporâneo. Linguística de *Corpus*.

**1. Introdução**

O objetivo deste trabalho é investigar, à luz de uma perspectiva diacrônica, o uso e as mudanças do verbo inglês *have* (“ter”) em três sincronias, a saber: a) Inglês Antigo (século V d.C. até 1100 d.C.); b) Inglês Médio (1100 d.C. até meados do século XV d.C.), e c) Inglês Britânico Contemporâneo. Para tal, julgam-se necessários conhecimentos etimológicos do verbo em questão. Outra consideração concerne à falta de dados de fala das sincronias passadas da língua inglesa, de maneira que uma investigação da fala histórica não faz parte do escopo deste trabalho. Sendo assim, recorre-se a obras literárias como *Cynewulf and Cyneheard* (data da do século VIII d.C.) e *Beowulf* (datada do século XI d.C.), representa-

tivas do período do Inglês Antigo, e *Havelok the Dane* (datada do século XIII d.C.) e *The Knight's Tale*, que é parte da obra *The Canterbury Tales*, de Geoffrey Chaucer (datada do século XIV d.C.). Tais materiais são fontes históricas confiáveis para se investigar as transformações dos usos e significados do verbo *have* na história da língua inglesa considerando a escrita literária.

Este trabalho dá conta de uma análise sintático-semântica de diferentes ocorrências das formas do verbo *have* em obras literárias dos três períodos da história da língua inglesa supracitados. Para o Inglês Britânico Contemporâneo, faz-se uso do *British National Corpus* (BNC)<sup>1</sup> e de um exemplo de *scripted speech* da série televisiva *Guerra dos Tronos*. Após uma discussão de cada período, uma comparação é feita a fim de se verificar os processos linguísticos que ocorreram na língua inglesa considerando os usos e significados do verbo em questão.

## 2. Metodologia

O objetivo geral deste trabalho é realizar uma investigação dos usos e significados das formas do verbo *have* na língua inglesa durante sua história, que se inicia no período do Inglês Antigo (século V d.C. até 1100 d.C.), perpassando o Inglês Médio (1100 d.C. até meados do século XV d.C.) e chegando, por fim, ao Inglês Britânico Contemporâneo. Para cumprir este objetivo, é imprescindível considerar a Linguística Histórica, que “investiga e descreve a forma como as línguas mudam ou mantêm sua estrutura no curso do tempo; seu domínio é, portanto, a língua em seu aspecto *diacrônico*”<sup>2</sup> (BYNON, 1977/2012, p. 1). Além disso, também é crucial conhecer as origens do verbo *have* na língua inglesa, sendo, pois, necessária uma breve discussão acerca de sua etimologia. Entretanto, deve-se ater ao fato de que “[a] maior falácia etimológica é a ideia de que conhecer a origem de uma palavra, e particularmente seu significado original, nos dá a chave para compreender seu uso na contemporaneidade”<sup>3</sup> (DURKIN, 2009, p. 27). Tendo em mente tal falácia,

<sup>87</sup> Disponível em: <https://corpus.byu.edu/bnc/>.

<sup>88</sup> Tradução nossa de “[...] seeks to investigate and describe the way in which languages change or maintain their structure during the course of time; its domain is therefore language in its *diachronic* aspect” (BYNON, 1977/2012, p. 1).

<sup>89</sup> Tradução nossa de “[t]he etymological fallacy is the idea that knowing about a word's origin, and particularly its original meaning, gives us the key to understand its present-day use” (DURKIN, 2009, p. 27).

não é parte do objetivo deste trabalho fazer uso do conteúdo etimológico do verbo em questão para inferir seu uso e significado no Inglês Britânico Contemporâneo, mas sim verificar se o significado que remonta às suas origens na língua inglesa se mantém ou se alterana três sincronias estudadas.

A próxima etapa que conduz à análise das formas do verbo *have* durante o curso da língua inglesa concerne à seleção de obras literárias para as sincronias passadas (leia-se Inglês Antigo e Inglês Médio). Apon-ta-se a dificuldade de se encontrar edições confiáveis (que seguem o mé-todo filológico) de obras da literatura inglesa medieval no Brasil e *onli-ne*, cujo acesso se restringe à comunidade acadêmica estrangeira, em des-taque a europeia e a norte-americana. As edições aqui consideradas pos-suem glossa (para *Beowulf*, há tradução para o inglês contemporâneo) e, no caso de fragmentos ou palavras que não possuem glossa, recorreu-se a dicionários de Inglês Antigo e Inglês Médio disponíveis *online*<sup>4</sup>. Além destas fontes, consultaram-se também descrições do Inglês Antigo (HOGG, 2002) e do Inglês Médio (MOSSÉ, 1968).

Considerando o Inglês Britânico Contemporâneo, foi escolhida a variedade britânica por razões geográficas: é o mesmo local onde as obras históricas representativas das sincronias passadas aqui considera-das foram escritas e publicadas. Considera-se, também, a Teoria das On-das introduzida na Linguística pelo linguista alemão Johannes Schmidt no século XIX, que propõe que a mudança linguística é irradiada a partir do centro do território onde é falada. Para este período contemporâneo da língua inglesa, utilizou-se o *British National Corpus* (BNC) para buscar ocorrências das formas do verbo *have*, assim como um exemplo de *scrip-ted speech* da série televisiva *Guerra dos Tronos*<sup>5</sup>. Acerca do *corpus*, este consiste em uma compilação de amostras de dados de fala e escritos na segunda metade do século XX do Inglês Britânico Contemporâneo, al-cançando 100 milhões de palavras. O BNC possui uma grande variação diafásico-diamésica e é considerado representativo do inglês britânico devido à sua extensão e balanceamento, além de estar disponível em formato digital, o que é corroborado pela Linguística de Corpus. Neste campo, delimita-se que os dados de um *corpus* devem ser lidos por com-putador e obedecer a critérios de compilação, como propõem Henry &

---

<sup>40</sup> Nomeadamente *Old English Translator* e *Middle English Dictionary*, disponíveis em <<https://www.oldenglishtranslator.co.uk/>> e <<https://www.gutenberg.org/files/10625/10625-h/dict1.html>>, respectivamente.

<sup>41</sup> *Game of Thrones*, em inglês.

Roseberry (2002), McEnery & Hardie (2011) e Kübler & Zinsmeister (2015), dentre outros, a fim de que representem uma língua ou variedade linguística. Levando em conta o exemplo de *scripted speech*, extraído do oitavo episódio da terceira temporada da série televisiva *Guerra dos Tronos*, o contexto da trama consiste em fantasia com elementos da Idade Média, o que poderia representar uma tentativa de aproximação da fala medieval baseada no que se encontra na literatura inglesa deste período.

Tendo as obras literárias selecionadas para representar as sincronias passadas e o *corpus* BNC e o exemplo de *scripted speech* para representar o Inglês Britânico Contemporâneo, parte-se para a análise. Esta consiste nas estruturas sintáticas das sentenças onde ocorrem as formas de *have*, em um primeiro momento, e na análise dos papéis temáticos que as formas do verbo em questão atribuem a seus argumentos a nível sentencial, em um segundo momento, com base em Stalmaszczyk (1996). Após discorrer sobre as ocorrências encontradas para cada uma das três sincronias da história da língua inglesa, é realizada uma comparação entre todas com o intuito de verificar se os usos e significados que remontam à etimologia do verbo em discussão se mantêm ou se alteram.

Esperava-se, por hipótese, que, nas três sincronias analisadas, as formas de *have* ocorressem tanto como itens gramaticais quanto lexicais, haja vista o forte processo de gramaticalização vigente na língua inglesa. Para as ocorrências como itens lexicais, esperava-se que o significado de posse inerente ao verbo *have* se mantenha desde suas origens no Inglês Antigo até o Inglês Britânico Contemporâneo, mas apresentando mudanças e até mesmo novos significados. Tais hipóteses são verificadas através dos resultados, que se seguem após a seção “Gramaticalização”.

### 3. *Etimologia do verbo have e o significado de posse*

Malta (2015) postula que a etimologia é crucial na investigação de sincronias passadas de uma língua, pois permite conhecer sobre a origem de uma palavra ou expressão linguística, neste caso, três sincronias da língua inglesa (Inglês Antigo, Inglês Médio e Inglês Britânico Contemporâneo). Com base em Viaro (2011), deve-se assumir que, para determinar um étimo, deve-se investigar registros escritos da palavra estudada e traçar sua história delimitando uma sincronia. Contudo, deve-se ter em mente que conhecer a origem de uma palavra não permite inferir seu significado na contemporaneidade, o que constituiria uma “falácia etimoló-

gica” nas palavras de Durkin (2009, p. 27). Sendo assim, este trabalho não pretende postular que o significado primário do verbo *have* atestado em sua etimologia se mantenha sem qualquer alteração em seu uso na contemporaneidade.

Em se tratando do conteúdo etimológico do verbo em discussão, recorre-se ao *Online Etymology Dictionary*<sup>6</sup>. Abaixo, observa-se a definição de seu significado primário e de outros que passou a assumir ao longo do tempo.

### **Have (v.)**

Old English **habban** "to own, possess; be subject to, experience," from Proto-Germanic \*haben-(source also of Old Norse *hafa*, Old Saxon *hebbjan*, Old Frisian *habba*, German *haben*, Gothic *haban* "to have"), from PIE root \*kap- "to grasp." Not related to Latin *habere*, despite similarity in form and sense; the Latin cognate is *capere* "seize". Sense of "possess, have at one's disposal" (I have a book) is a shift from older languages, where the thing possessed was made the subject and the possessor took the dative case (as in Latinest *mihi liber* "I have a book," literally "there is to me a book"). Used as an auxiliary in Old English, too (especially to form present perfect tense); the word has taken on more function over time; Modern English he had better would have been Old English *him* (dative) *wære betere*.

De acordo com esta definição, o significado de posse é primário, inerente ao verbo *have*, remontando ao Inglês Antigo. No que tange ao significado de posse, Baldi & Nuti (2010) indicam, para a língua latina, os sentidos de presença e localização em um espaço geográfico, porém sem referência ao ato de habitar. Para a língua inglesa, verifica-se neste trabalho se tais sentidos são atestados além da posse prototípica (possuir, ter, estar sujeito a, experimentar).

É importante frisar que tal verbo, apesar das semelhanças, não é cognato do verbo latino *habere*. Além disso, está contido nesta definição o fato de outros significados terem sido assumidos por este verbo ao longo do tempo. Outro fato para se destacar é seu uso como verbo auxiliar no período no qual este verbo se origina, especialmente na formação do

---

<sup>92</sup> Disponível em: <<https://www.etymonline.com/>>.

presente perfeito. O processo de gramaticalização que vigora no inglês desde suas origens é discutido na próxima seção.

#### 4. Gramaticalização

Nicholas (1998) define gramaticalização como “[...] o processo através do qual novas palavras funcionais surgem na língua, originadas de uma reanálise de itens lexicais ou palavras funcionais menos abstratas. Como resultado, tais palavras são incorporadas na gramática da língua” (p. 9). Isto posto, é possível observar evidências deste processo de mudança linguística no decorrer da história da língua inglesa. No presente trabalho, uma destas evidências consiste nas mudanças de uso e significado das formas históricas e contemporânea do verbo inglês *have* (“ter”), que, conforme apontado na seção anterior, possui primariamente o significado de posse, e, ao longo de sua história, passa a assumir novas funções, como a de item gramatical (verbo auxiliar) na formação do tempo presente perfeito.

Nos resultados da análise proposta neste trabalho, percebe-se que, já desde o Inglês Antigo, quando surge a forma *habban*, à qual a etimologia do verbo em discussão remonta, ambos os usos como item gramatical e lexema coexistiam na língua, o que prevaleceu nas sincronias subsequentes. No Inglês Médio, despontam novos significados em seu uso como lexema, com destaque para a fraseologia, que passa a ser mais frequente no Inglês Britânico Contemporâneo.

#### 5. Resultados

##### 5.1. Inglês Antigo

A presente subseção busca analisar as ocorrências das formas do verbo *habban* em Inglês Antigo encontradas nas obras literárias *Cynewulf and Cyneheard* (datada do século VIII d.C.) e *Beowulf* (datada do século XI d.C.). Hogg (2002) argumenta que, no Inglês Antigo, o verbo *habban* já operava como verbo auxiliar, assumindo que a classificação primária deste verbo era como lexema. Uma consideração importante sobre a ordem sintática do Inglês Antigo é a ausência de fixidez em decorrência de seu sistema de declinações, o que possibilita a ocorrência de

mais de seis ordens sintáticas (SVO, SOV, OVS, OSV, VSO e VOS<sup>93</sup>). Há de se ressaltar também que, por mais que na falahistórica se possa ter como hipótese uma ordem prototípica, é também possível conceber que, no gênero literário, fosse possível maior flexibilidade na ordem sintática no caso de obedecer a padrões métricos, já que na Idade Média era forte a tradição musical de obras literárias.

Foram encontradas cinco ocorrências das formas de *habban* nas duas obras literárias representativas do Inglês Antigo analisadas, listadas abaixo. No que se refere a seus usos (gramatical e lexical), a Tabela 1 mostra os resultados para esta sincronia.

Ocorrência 1

**oþþæthīehineofslægennehæfdon**

“until they him slain had” (Cynewulf and Cyneheard)

Ocorrência 2

**ondþāgatu him tóbelocen hæfdon**

“Then (they) the gates against themlocked had” (Cynewulf and Cyneheard)

Ocorrência 3

**habbaðwétóþaémmaéranmicelaérende**

“Have we to that grand one a grand errand” (Beowulf)

Ocorrência 4

**hēþritiges manna mægen cræfton his mundgripe / heaþorófhæbbe**

“He thirty men’s strength, in the grip of his hand, renowned in war, has” (Beowulf)

Ocorrência 5

**þæsicwénhæbbe**

“Of this I have hope”

**Tabela 1.** Usos das formas de *habban*.

OCORRÊNCIA	USO
1	GRAMATICAL
2	
3	LEXICAL
4	
5	

No que tange à semântica das formas de *habban*, é possível, à luz de Stalmaszczyk (1996), classificar os papéis temáticos atribuídos por

<sup>93</sup> S = Sujeito; O = Objeto, e V = verbo.

tais formas a seus argumentos, com foco no SN-sujeito<sup>8</sup>. Como a ordem sintática neste período era bastante variável, mais de uma interpretação de cada sentença onde ocorre o verbo em questão pode ser feita, acarretando em classificações diferentes, especialmente quando verbo em questão opera como item gramatical (ocorrências 1 e 2). Nestes casos, pode-se assumir que, a nível sentencial, os papéis temáticos atribuídos aos seus SN-sujeitos são de Agente ou de Beneficiário. Acerca do papel de Agente, Stalmaszczyk (1996) o define como “um SN expressando volição em direção a uma ação”<sup>9</sup>. Quanto ao Beneficiário, o autor define que este é “uma entidade para cujo benefício o evento ocorre”<sup>10</sup>.

Acerca das demais ocorrências, nas quais as formas de *habban* se manifestam como lexema, o papel de Beneficiário foi atestado. Destaca-se a ocorrência 4, para a qual se observa ambiguidade de interpretação, ocasionando na classificação Beneficiário/Agente. A Tabela 2 ilustra os resultados da análise de papéis temáticos.

**Tabela 2.** Papéis temáticos atribuídos pelas formas de *habban* a seus SN-sujeitos.

OCORRÊNCIA	USO
1	Agente/Beneficiário
2	
3	Beneficiário
4	Agente/Beneficiário
5	Beneficiário

Finda a análise sintático-semântica das ocorrências do verbo *habban* em Inglês Antigo, dá-se início à análise das ocorrências das formas de *haveren* em Inglês Médio, período linguístico que vigorou em terras inglesas a partir da Conquista Normanda, em 1066 d.C., até meados do século XV d.C.

## 5.2. Inglês Médio

Esta subseção tratado comportamento sintático-semântico das formas do verbo *haveren* (“ter”) no Inglês Médio. Para esta sincronia pas-

<sup>94</sup> SN = Sintagma nominal.

<sup>95</sup> Tradução nossa de “an NP expressing will toward the action” (STALMASZCZYK, 1996).

<sup>96</sup> Tradução nossa de “the entity for whose benefit the event took place” (STALMASZCZYK, 1996).

sada da língua inglesa, foram atestados, em Malta (2015), dois usos (gramatical e lexical) e, dentro do uso das formas de *haven* como lexema, três significados diferentes, a saber: a) possessivo; b) metafórico, e c) fraseológico. As obras das quais foram extraídas as ocorrências analisadas foram *Havelok the Dane*, datada do século XIII d.C., e *The Knight's Tale*, parte da obra *The Canterbury Tales* escrita no século XIV d.C. por Geoffrey Chaucer.

Com relação à ordem sintática do Inglês Médio, Mossé (1968) aponta a flexibilidade com a qual os elementos são organizados na sentença, fato que remete ao comportamento sintático observado para o Inglês Antigo. Assim como para esta sincronia, para o Inglês Médio as seis ordens (SVO, SOV, OVS, OSV, VSO e VOS) são possíveis, apesar do enfraquecimento do sistema de declinações que passa a ocorrer durante o Inglês Médio.

Atentando-se para os três significados atribuídos a *haven* em Malta (2015), pode-se definir que o possessivo ocorre exclusivamente no uso como lexema, mantendo seu significado de posse que remonta à sua etimologia. No presente trabalho, ainda que 91 ocorrências do uso como item gramatical tenham sido observadas, o foco é mantido em seu uso como lexema, pois neste uso se atestam novos significados nesta sincronia passada da língua inglesa. Para o significado possessivo, 103 ocorrências foram observadas, e, destas, três ocorrências estão listadas abaixo (6-8). Já o metafórico ocorre quando as formas de *haven* são usadas para expressar posse não material, especialmente de conceitos abstratos como sentimentos e estados mentais, assim como de satélites, como a Lua, que não se pode possuir materialmente, o que pode evidenciar o significado de existência. As quatro ocorrências encontradas estão listadas abaixo (9-12). Por último, o significado fraseológico, segundo Gläser (1998, p. 125), citado em Boyadzhieva (2010), remete ao uso estável de uma expressão lexicalizada ou idiomática na língua, carregando conotações e podendo enfatizar ou intensificar uma função no texto. As ocorrências 13 e 14, referente a este significado, se encontra a seguir.

POSSESSIVO

Ocorrência 6

*I have [...] a large field to ere*(The Knight's Tale)

Ocorrência 7

*I no weapon have in this place*(The Knight's Tale)

Ocorrência 8

*Mars has his sovereign mansion*(The Knight's Tale)

METAFÓRICO

Ocorrência9

*Have mercy on our woe*(The Knight's Tale)

Ocorrência10

*May will have no sluggardy a-night*(The Knight's Tale)

Ocorrência11

[...] *since thou hast her presence* (The Knight's Tale)

Ocorrência12

*underneath her feet she had a moon*(The Knight's Tale)

FRASEOLÓGICO

Ocorrência 13

*Thou wilt mi lifhave*(Havelok the Dane)

Ocorrência 14

*And Arcita anon his hand up have*(The Knight's Tale)

Parte-se para a análise semântica, no que concerne aos papéis temáticos atribuídos aos argumentos das formas do verbo *haven*, focando no SN-sujeito. Para a ocorrência 6, observa-se ambiguidade, já que duas interpretações diferentes podem levar à classificação do papel temático do SN-sujeito (o pronome *I*, “eu”) como o de Agente, pois exerce volição e controle sobre a entidade expressa pelo SN-objeto, ou Experienciador, que Stalmaszczyk (1996) define como “o indivíduo que sente ou percebe um evento”, neste caso, a existência de um campo para arar. Para 7 e 8, ambas as entidades expressas pelo SN-sujeito (*I* e *Mars*, respectivamente) se beneficiam da posse de um objeto material.

As ocorrências 9-12 ilustram o significado metafórico assumido pelas formas do verbo *hauen*. Nestes casos, tais formas verbais não expressam posse material, sendo frequente a ocorrência de substantivos abstratos (i.é. *mercy*, “misericórdia”). Sendo assim, não é adequado classificar os SN-sujeitos como Agentes ou Beneficiários, mas sim Experienciadores. Tal comportamento foi observado majoritariamente nas obras de Geoffrey Chaucer. O sentido de existência se atesta na ocorrência 12, cuja interpretação pode indicar que a presença de algo (a Lua, no caso) à disposição de uma entidade divina (*she* se refere à estátua personificada

da deusa Diana<sup>11)</sup>) pode representar benefício à tal entidade. Neste caso, o papel temático é o de Beneficiário.

O significado fraseológico é evidenciado nas ocorrências 13 e 14. Na primeira, se observa que ter a vida de alguém (*mi lifhave*, “ter minha vida”) é uma expressão idiomatizada com o significado de “salvar”. No contexto da obra, o eu-lírico reza para que Jesus Cristo salve sua vida, atribuindo à tal entidade sagrada o poder e a volição para que esta desempenhe uma ação concreta, o que revela que o papel temático de Agente é o mais adequado para esta ocorrência. Na segunda, tal papel temático também é o mais adequado, tendo em vista que *have (one’s) handup* significa “levantar a mão”, ação que demanda controle e volição.

As classificações dos papéis temáticos atribuídos pelas formas do verbo *haven* no Inglês Médio (séculos XIII e XIV d.C.) a seus NP-sujeitos das ocorrências supracitadas podem ser visualizadas na Tabela 3 abaixo.

**Tabela 3.** Papéis temáticos atribuídos pelas formas de *haven* a seus SN-sujeitos.

OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO	PAPEL TEMÁTICO
6	Possessivo	Agente/Experienciador
7		Beneficiário
8		
9	Metafórico	Experienciador
10		
11		
12		Beneficiário
13	Fraseológico	Agente
14		

Uma vez que a análise do comportamento sintático-semântico das ocorrências do verbo *haven* em Inglês Médio foi devidamente mostrada, parte-se à análise das ocorrências das formas de *to have* no Inglês Britânico Contemporâneo, período linguístico que sucedeu o *Early Modern English*, responsável pela Grande Mudança Vocálica (*Great Vowel Shift*, em inglês), sendo este uma transição do Inglês Médio para o Inglês Moderno<sup>12)</sup>, cuja datação remonta ao século XVIII d.C..

<sup>97</sup> Na mitologia romana, Diana era a deusa da lua e da caça.

<sup>98</sup> Neste trabalho, assim como em Malta (2015), optou-se pelo termo “Inglês Britânico Contemporâneo” em vez de “Inglês Moderno” tanto para evitar confusões com *Early Modern English* quanto para focar na variedade britânica da língua inglesa falada e escrita na segunda metade do século XX.

### 5.3. *Inglês Britânico Contemporâneo*

A presente subseção busca analisar as ocorrências das formas do verbo (*to*) *have* no Inglês Britânico Contemporâneo extraídas do *British National Corpus* (BNC). Neste, o modo PCEC<sup>13</sup> foi explorado por permitir o destaque em diferentes cores de cada elemento das sentenças dependendo da categoria sintática a que pertencem. Feita a busca pelo lexema *have*, foi gerada uma lista randômica de 100 sentenças, cada uma delas analisada *ad hoc*. Encontraram-se os usos tanto como item gramatical quanto como lexema, e, dentro deste último, os significados possessivo e fraseológico, atestado primeiramente no Inglês Médio. Além do BNC, foi analisado também um exemplo de *scripted speech* da série televisiva *Guerra dos Tronos*.

Deve-se levar em conta o caráter fixo da ordem sintática neste período da língua inglesa, para o qual não é atestado um rico sistema de declinações, tendo sobrevivido apenas resquícios do caso genitivo<sup>14</sup>.

A respeito das ocorrências das formas de (*to*) *have* encontradas no BNC, 98 das 100 foram analisadas. As duas que foram desconsideradas se tratavam de sentenças incompletas e com tomadas de tempo, características da fala espontânea. A ocorrência 15 representa o significado possessivo, enquanto que as ocorrências 16-18 ilustram o significado fraseológico. Quanto ao uso gramatical, este é representado pelas ocorrências 19-21, a seguir.

Ocorrência 15

*I didn't expect her to **have** a gun*

Ocorrência 16

*You must n't forget to **have a wee** before you go out*

Ocorrência 17

***Have a word** with Colin*

Ocorrência 18

*Ask him to **have a meal** with you*

Ocorrência 19

*But I would **have** said somebody like that [...]*

<sup>99</sup> Sigla em português para *Palavras Chave em Contexto*, traduzida do inglês *KWIC – Key Words in Context*.

<sup>100</sup> Caso gramatical que indica uma relação, em destaque a de posse, entre um substantivo e seu complemento ou adjunto. No Inglês Moderno, um exemplo é *Mary's book* ("O livro de Maria"), sendo 's a forma pela qual o genitivo se expressa.

Ocorrência20

What **have** you get in there then?

Ocorrência21

Whilst the orgiastic dancers may **have** been stimulated by alcohol [...]

Acerca do comportamento semântico de *have*, observa-se que a ocorrência 15 representa o significado possessivo. À luz de Stalmaszczyk (1996), o papel temático que mais se adequa a este caso é o de Beneficiário, pois a entidade *her* se beneficia da posse de uma arma. Já as ocorrências 16-18 são consideradas evidências do significado fraseológico do verbo em questão em conjunto com outros substantivos que os seguem após um artigo indefinido (*wee, word, meal*), com os quais as formas de *have* formam expressões idiomatizadas que podem ser traduzidas para o português como "fazer xixi", "conversar" e "comer". Todas estas apresentam o papel temático de Agente atribuído aos SN-sujeitos pela forma *have*. Considerando as ocorrências 19-21, é possível visualizar o processo de gramaticalização que vigora na língua inglesa desde suas origens, no Inglês Antigo. Nestes casos, não se observa atribuição de papel temático, tendo em vista que a ocorrência de *have* nestas sentenças representa apenas o cumprimento de funções gramaticais (a formação de tempo passado em 19 e 20 e de voz passiva em 21). A Tabela 4 resume a análise discutida, abaixo.

**Tabela 4.** Papéis temáticos atribuídos pelo lexema *have* a seus SN-sujeitos.

OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO	PAPEL TEMÁTICO
15	Possessivo	Beneficiário
16	Fraseológico	Agente
17		
18		

Passa-se, a seguir, para a análise da ocorrência de *scripted speech* extraída do oitavo episódio da terceira temporada da série televisiva *Guerra dos Tronos* (ocorrência 22, abaixo). Trata-se de uma evidência de significado fraseológico de *have*, uma vez que se observa uma estrutura mais ou menos fixa: *have* + pronome pessoal (*you*) + verbo no particípio (*strangled*), com o significado em português de "estrangular".

Ocorrência22

*If you ever call me sister again I'll have you strangled in your sleep* (Guerra dos Tronos)

A fala ilustrada em 22 é proferida pela personagem Cersei Lannister como uma clara ameaça a Margaery Tyrell, que acaba de chamar a primeira de “irmã”. Incomodada com o vocativo, Cersei, que ocupa o posto de rainha, manifesta seu desejo e poder para ordenar o estrangulamento de Margaery enquanto esta dorme. Sendo assim, a sádica rainha se beneficiaria com o assassinato indireto da outra mulher, de maneira que o papel temático atribuído por *have* ao SN-sujeito é o de Beneficiário. Tal informação é ilustrada na Tabela 5.

**Tabela 5.** Papel temático atribuído pelo lexema *have* a seu SN-sujeito no exemplo de *scripted speech*.

OCORRÊNCIA	SIGNIFICADO	PAPEL TEMÁTICO
22	Fraseológico	Beneficiário

Feitas as descrições das análises das ocorrências das formas históricas e contemporânea do verbo inglês *have*, passa-se às considerações finais, que dão conta de uma comparação entre as três sincronias abordadas e observações acerca dos usos e significados do verbo em questão durante a história da língua inglesa.

## 6. Considerações finais

Nesta seção, em um primeiro momento, pretende-se estabelecer uma comparação entre as três sincronias da história da língua inglesa abordadas neste trabalho, que remete a Malta (2015), nomeadamente Inglês Antigo (do século V d.C. a 1100 d.C.), Inglês Médio (1100 d.C. a meados do século XV d.C.) e Inglês Britânico Contemporâneo (século XX). Para as duas sincronias passadas, foram descritos os diferentes comportamentos sintático-semânticos tendo como fonte de ocorrências de formas históricas de *have* (“ter”) obras literárias. Representam a contemporaneidade da língua inglesa o *British National Corpus* (BNC) e um exemplo de *scripted speech* da série televisiva *Guerra dos Tronos*. Considerando os dados apresentados ao longo deste trabalho, estes foram resumidos na Tabela 6, abaixo.

**Tabela 6.** Usos, significados e papéis temáticos das formas de *have* das três sincronias estudadas.

PERÍODO	OCORRÊNCIA	USO	SIGNIFICADO	PAPÉIS TEMÁTICOS
	1	GRAM.	---	Agente/Beneficiário

<b>Inglês Antigo</b>	2	LEX.	---	
	3		Possessivo	Beneficiário
	4			Agente/Beneficiário
	5		Beneficiário	
<b>Inglês Médio</b>	6	LEX.	Possessivo	Agente/Experienciador
	7			Beneficiário
	8		Metafórico	Experienciador
	9			
	10	Fraseológico	Agente	
	11			
	12			
	13			
14				
<b>Inglês Brit. Cont.</b>	15	LEX.	Possessivo	Beneficiário
	16		Fraseológico	Agente
	17			
	18			
	22	GRAM./LEX.	Fraseológico	Beneficiário

Com base na Tabela 6, é possível inferir que ambos os usos das formas históricas e contemporânea do verbo *have* na língua inglesa, gramatical e lexical, são atestados em todas as sincronias estudadas. Isto decorre do forte processo de gramaticalização que vigora na língua inglesa desde suas origens no Inglês Antigo, conforme aponta sua etimologia. De acordo com o *Online Etymology Dictionary*, citado previamente, “tal palavra passou a assumir mais funções no decorrer do tempo”<sup>15</sup>, o que pode ser corroborado no presente trabalho, que remete a Malta (2015). Além do significado primário de posse, o verbo em discussão também passa a assumir significado metafórico e fraseológico, além de operar também como item gramatical (verbo auxiliar).

Para o Inglês Antigo, observa-se que as formas de *habban* são usadas majoritariamente como lexema (três ocorrências em cinco). As duas outras ocorrências refletem o processo de gramaticalização já vigente, e, devido à flexibilidade na ordem sintática em decorrência de um rico sistema de declinações, é possível haver mais de uma interpretação quanto à função que as formas de *habban* desempenham na sentença: verbo lexical ou verbo auxiliar. Sendo assim, a análise semântica é feita a nível sentencial, tendo em vista que uma das interpretações leva em conta as

<sup>15</sup> Tradução nossa de “the word has taken on more functions over time”.

formas do verbo em discussão como lexemas. Dada tal ambiguidade, pode-se estabelecer, à luz de Stalmaszczyk (1996), a classificação ambígua dos papéis temáticos atribuídos pelas formas verbais em foco a seus SN-sujeitos, nomeadamente Agente e Beneficiário. Este último papel temático é atestado em todas as ocorrências representando o Inglês Antigo, enquanto que o de Agente encontra restrições para operar.

No Inglês Médio, além do significado primário de posse (possessivo), atestaram-se também o metafórico e o fraseológico, que, considerando os dados do presente trabalho, passam a operar na língua inglesa a partir desta sincronia. Para esta, o papel temático de Experienciador surge quando em significado metafórico. Para o fraseológico, prevalece o papel de Agente, o que se mantém no Inglês Britânico Contemporâneo. Na contemporaneidade da língua inglesa, o significado possessivo não é o que impera, sendo associado ao papel de Beneficiário.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALDI, P.; NUTI, A. Possession. In: BALDI, P.; CUZZOLIN, P. (Ed.) *New Perspectives on Historical Latin Syntax 3 – Constituent Syntax: Quantification, Numerals, Possession and Anaphora*. Berlim, 2010. p. 239-87

Beowulf: diacritically-marked text and facing translation. Disponível em: <<http://www.heorot.dk/beowulf-rede-text.html>>. Acesso em: 09 set. 2018.

BOYADZHIEVA, E. Reflections of social stereotypes in Modern Bulgarian and English phraseology. *Trans*, Blagoevgrad, n. 17, mar. 2010. Disponível em: <[http://www.inst.at/trans/17Nr/2-12/2-12\\_boyadzhieva17.htm](http://www.inst.at/trans/17Nr/2-12/2-12_boyadzhieva17.htm)>. Acesso em: 09 set. 2018.

BRITISH National Corpus. Disponível em: <<https://corpus.byu.edu/bnc/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

BYNON, T. *Historical linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 1977/2012. Disponível em: <<https://www.cambridge.org/core/books/historical-linguistics/964266524BD5078A5B96AB4002F904C>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CHAUCER, G. “The Knight’s Tale”. Disponível em: <<http://academic.brooklyn.cuny.edu/webcore/murphy/canterbury/3knight.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CHAUCER, G. "The Knight's Tale". Disponível em: <<http://academic.brooklyn.cuny.edu/webcore/murphy/canterbury/3knight.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

CYNEWULF and Cyneheard: Introduction to Cynewulf and Cyneheard. Greenlaw, 518, 200. Disponível em: <<http://www.unc.edu/~jwittig/51/cyn&cyn.htm>>. Acesso em: 09 set. 2018.

DURKIN, P. The Oxford guide to etymology. Oxford: Oxford University Press, 2009.

GLÄSER, R. The stylistic potential of phraseological units in the light of genre analysis. In: COWIE, A.P. (Ed.). *Phraseology. Theory, Analysis and Applications*. Oxford: Oxford University Press, 1998. p. 125-43

HENRY, A.; ROSEBERRY, R. Using a small corpus to obtain data for teaching a genre. In: GHADESSY, M.; HENRY, A.; ROSEBERRY, R. (Ed.). *Small corpus studies and ELT: Theory and practice*. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamin B.V., 2002. p. 93-133

HERZMAN, R. B.; DRAKE, G.; SALISBURY, E. *Four romances of England: King Horn, Havelok the Dane, Bevis of Hampton, Athelston*. Michigan: Medieval Institute Publications, 1997. Disponível em: <<http://d.lib.rochester.edu/teams/text/salisbury-four-romances-of-england-havelok-the-dane>>. Acesso em: 09 set. 2018.

HOGG, R. *An Introduction to Old English*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2002. 174 p.

KÜBLER, S.; ZINSMEISTER, H. *Corpus linguistics and linguistically annotated corpora*. Londres: Bloomsbury, 2015. 312 p.

MALTA, I. *The use and changes of the verb "have" and the meaning of possession: from Old to Contemporary British English*. 2015. 89 p. Monografia de Bacharelado em Inglês com ênfase em Estudos Linguísticos (Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais). Belo Horizonte: UFMG, 2015.

McENERY, T.; HARDIE, A. *Corpus linguistics: Method, theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. 294 p.

MOSSÉ, F. *A handbook of Middle English*. 5. ed. Baltimore: The Johns Hopkins Press, 1968. 519 p.

NICHOLAS, N. *The story of "pu": The grammaticalisation in space and time of a Modern Greek complementiser*. 1998. 624 p. Tese de Doutorado

em Linguística Aplicada (Departamento de Linguística e Linguística Aplicada da University of Melbourne). Melbourne: University of Melbourne, 1998.

Online Etymology Dictionary. Desenvolvido por David Harper, 2005. Consiste em um dicionário etimológico da língua inglesa. Disponível em: <<https://etymonline.com/>>. Acesso em: 09 set. 2018.

STALMASZCZYK, P. Theta roles and the theory of theta-binding. Łódź: University of Łódź, 1996. Disponível em: <<http://ifa.amu.edu.pl/psicl/files/31/06Stelmaszczyk.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2018.

VIARO, M. E. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011. 336 p.